

**Eixo Temático: Comunidades e Povos Tradicionais: territorialidade e Educação**

**A LITERATURA DE ESCRITORA INDÍGENA E A EDUCAÇÃO DO CAMPO:  
diálogos possíveis a partir da escola**

**INDIGENOUS WOMEN'S LITERATURE AND RURAL EDUCATION: possible  
dialogues from the school perspective**

Metusalém Engracio dos Santos<sup>1</sup>

Andreza Honório Lima<sup>2</sup>

Patrícia Cristina de Aragão<sup>3</sup>

**Resumo:**

Esse artigo tem como proposta discutir a importância da literatura indígena no contexto da educação do campo, mostrando como os poemas “Terra Cunhã” e “Desilusão” de Eliane Potiguara contribuem para o reconhecimento e valorização das culturas indígenas no ambiente escolar. Utilizamos como fonte a obra literária de Eliane Potiguara, o livro intitulado “Metade Cara, Metade Máscara”. Os poemas selecionados apresentam um teor formativo e educativo, e trazem temas que refletem a relação dos povos indígenas com a Terra e a natureza, além de apontar suas lutas e desafios enfrentados. Esses poemas possibilitam a reflexão sobre o papel da educação no campo como espaço de resistência e reconhecimento dos povos originários. Esse estudo contribui para pensar o diálogo da literatura indígena com a educação, incentivando a aprendizagem e o debate sobre a luta e os direitos dos povos indígenas no ambiente escolar.

**Palavras-chave: Literatura indígena. Educação do campo. Eliane Potiguara.**

**Abstract:**

This article aims to discuss the importance of Indigenous literature in the context of rural education, demonstrating how the poems "Terra Cunhã" and "Desilusão" by Eliane Potiguara contribute to the recognition and appreciation of Indigenous cultures in the school

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande. Paraíba. Brasil. E-mail: [metusalem.santos@aluno.uepb.edu.br](mailto:metusalem.santos@aluno.uepb.edu.br)

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande. Paraíba. Brasil. E-mail: [andreza.h@aluno.uepb.edu.br](mailto:andreza.h@aluno.uepb.edu.br)

<sup>3</sup> Professora Dr<sup>a</sup>. Titular do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande. Paraíba. Brasil. E-mail: [patriciaaragao@servidor.uepb.edu.br](mailto:patriciaaragao@servidor.uepb.edu.br)

environment. Drawing from Potiguara's literary work, specifically her book *Metade Cara, Metade Máscara*, the selected poems offer formative and educational insights, exploring themes that reflect Indigenous peoples' relationship with the land and nature while highlighting their struggles and challenges. These poems encourage reflection on the role of rural education as a space for resistance and recognition of Indigenous peoples. This study contributes to fostering dialogue between Indigenous literature and education, promoting learning and discussions about the struggles and rights of Indigenous peoples in schools.

**Keywords: Indigenous literature, rural education, Eliane Potiguara.**

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo parte das ações de pesquisa do projeto intitulado “Nos Territórios dos Encantados, Memória e Ancestralidades na Literatura Indígena: Formação de Professores e Prática Educativa Escolar”, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), tendo por base de pesquisa, os povos indígenas em sua escrita literária. Com as ações do projeto, visando especialmente a formação de professores e a educação básica.

Haja vista que a inclusão da literatura indígena ainda enfrenta muitos desafios, o que nos leva a pensar de que maneira a obra de Eliane Potiguara (2018) pode ampliar nosso conhecimento sobre as culturas indígenas, além de promover debates críticos sobre essas desigualdades sociais que ainda permanecem. Nesse sentido, ao estudar essas obras contribuimos para que a literatura indígena possa ser um meio potente para uma educação mais inclusiva, permitindo o respeito e o reconhecimento dessas vozes originárias, por muitas vezes silenciadas.

A escritora indígena Eliane Lima dos Santos, mais conhecida como Eliane potiguara, é da etnia Potiguara. Formada em Letras (Português-Literatura) e Educação na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), é especialista em educação ambiental pela UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto) e recentemente recebeu o título de doutora honoris causa pela UFRJ. Neta de imigrantes nordestinos, ela é ativista, poeta, professora e empreendedora social (Oliveira e Pacievitch, 2023, p. 11). Seus escritos debatem temas como ancestralidade, espiritualidade, resistência e amor, trazendo a realidade e os desafios enfrentados pelos povos indígenas. Ela participou das conferências da ONU (Organização das Nações Unidas), onde contribuiu na declaração dos Direitos indígenas; sua militância é

uma verdadeira luta pela defesa dos direitos indígenas e pela preservação da cultura e identidade do seu povo. Por isso, ela tem se dedicado a valorizar as culturas indígenas no Brasil, buscando garantir que essas histórias e vozes sejam incluídas no currículo escolar e na sociedade.

Nesse contexto, Nogueira e Andrade (2024) ressaltam as ausências de vozes indígenas e saberes tradicionais na formação de educadores, o que traz a desvalorização da cultura indígena. Pois existe uma necessidade de que “encontrem um ambiente onde possam compartilhar seus conhecimentos, suas culturas, suas demandas, sem serem discriminados ou excluídos” (Nogueira e Andrade, 2024, p. 20). À vista disto, é importante que a formação de educadores promova um espaço inclusivo para que os povos indígenas possam compartilhar seus saberes e culturas sem passar por discriminação. Pois, a educação precisa ser um espaço de valorização e respeito, onde as vozes dos indígenas consigam ser ouvidas e valorizadas. Assim, ao incluir essas visões, estamos enriquecendo a formação dos educadores e preparando os alunos para conviverem de maneira harmoniosa e respeitosa em uma sociedade cheia de diversidades.

O trabalho foi desenvolvido a partir da análise de dois poemas “Terra cunhã” e “Desilusão” presentes na obra “Metade cara, metade máscara” da escritora indígena Eliane Potiguara (2018), onde percebemos ser um material com potencial agregador para a educação do campo. Pautando a discussão com o auxílio de autores como: Carvalho e Santos (2023) Nogueira e Andrade (2024) e Litig e Wanderley (2015), mostramos como é importante levar discussões sobre temáticas indígenas para a sala de aula, e como a literatura, nesse contexto poemas de autoria indígena, podem ser um excelente recurso para a educação do campo. O trabalho está dividido em seções, inicialmente discutindo de forma teórica, as possibilidades do uso da literatura indígena na educação do campo, e de como a referida obra da autora Eliane Potiguara (2018) se apresenta como uma ferramenta pedagógica, encerrando com a análise e discussão dos poemas, escolhidos por contribuem para a formação da consciência educativa e histórica das lutas e a resistência dos povos indígenas.

## **2 EDUCAÇÃO DO CAMPO E LITERATURA INDÍGENA**

Quando falamos sobre a educação do campo, ela não se limita ao simples acesso à escola. Mas representa uma forma de resistência e afirmação para populações historicamente marginalizadas, como camponeses, quilombolas e indígenas, promovendo uma educação

que reconhece e valoriza as especificidades culturais e sociais desses grupos. Como apontado por Nogueira e Andrade (2024), essa educação deve ser estruturada a partir das condições concretas de vida dessas populações, respeitando suas diversidades e pluralidades. O Decreto nº 7.352, de 2010, que institui a Política Nacional de Educação do Campo, é um marco importante nesse processo, pois estabelece diretrizes que buscam garantir o direito dessas comunidades a uma educação que dialogue com suas realidades e desafios cotidianos (Nogueira e Andrade, 2024).

No entanto, a inclusão desses povos no sistema educacional também envolve a valorização de suas culturas e produções intelectuais, como as literaturas indígenas. Obras de autores como Ailton Krenak e Eliane Potiguara não apenas trazem à tona questões de ancestralidade, pertencimento e resistência, mas também denunciam as violências e violações sofridas por esses povos ao longo da história, reafirmando a importância de sua luta por representatividade em espaços educacionais e institucionais.

Nesse sentido, o uso da literatura indígena na educação do campo contribui para a construção de um currículo que não apenas reconhece a diversidade cultural, mas também oferece aos estudantes uma perspectiva crítica sobre a colonialidade e suas consequências. Evitando um apagamento sobre diversas questões que são pertinentes para nós enquanto brasileiros, a exemplo do próprio processo de colonização, entre outros, responsáveis por uma exclusão de diversos povos e culturas considerados inferiores aos padrões brancos dominantes.

Assim sendo, além de discutir a inclusão dessas populações no sistema educacional, é necessário refletir sobre o papel da literatura indígena como uma forma de resistência e valorização cultural. Eliane Potiguara, em sua obra *Metade cara, metade máscara*, utiliza a poesia como meio de expressar suas vivências e promover a reflexão sobre a história e a realidade dos povos indígenas no Brasil. E desse modo sua escrita se torna, assim, uma ferramenta de militância, como destacado por Oliveira e Pacievitch (2023, p. 27), ao afirmar que:

Os poemas de Eliane são a forma que ela mesma encontrou de contar sua história através de palavras rimadas [...] Sua escrita é a sua militância, uma forma de criticar e pensar sobre a realidade e como ela se sente enquanto aúá indígena em um país que promove o apagamento sistemático de sua cultura.

A literatura indígena, nesse contexto, rompe com as narrativas tradicionais impostas pela colonialidade, oferecendo uma nova perspectiva sobre a história e a cultura dos povos originários. Como Oliveira e Pacievitch (2023, p. 28) ressaltam, "a história contada pelo homem branco através de fontes escritas é totalmente imparcial? Ou apenas uma versão criada pelos mais poderosos a fim de conservar a sua tradição, seus costumes e preconceitos?" Essa crítica à historiografia tradicional coloca em xeque a suposta neutralidade das fontes escritas e valoriza os conhecimentos ancestrais transmitidos pela oralidade, um ponto central na obra de Eliane Potiguara (2018).

Nesse sentido, a inclusão de autores indígenas no currículo da educação do campo não apenas reconhece a diversidade cultural, mas também desafia as estruturas coloniais de conhecimento, proporcionando uma educação que questiona as bases do sistema educacional eurocêntrico. As obras de Eliane Potiguara exemplificam a resistência cultural, trazendo à tona saberes que foram historicamente marginalizados e desvalorizados. Como a própria autora demonstra em sua obra, há múltiplos saberes e formas de se compreender o mundo, e "o conhecimento dos povos indígenas [não é] ficcional ou mágico", mas sim uma forma legítima de saber, capaz de expandir o entendimento da realidade (Oliveira e Pacievitch, 2023, p. 26).

Portanto, a literatura indígena não é apenas uma expressão artística, mas também uma fonte histórica e política, que contribui para a formação crítica dos estudantes da educação do campo. E ao introduzir essas vozes no ambiente escolar, os educadores promovem o reconhecimento da história e das lutas desses povos, ao mesmo tempo em que fortalecem a identidade cultural dos alunos pertencentes a essas comunidades, algo que é extremamente necessário. Essa prática vai ao encontro do que Nogueira e Andrade (2024) apontam como fundamental: uma educação que se estrutura a partir das condições concretas de vida e da realidade sociocultural dos povos do campo, indígenas e quilombolas.

## **2.1 A importância da literatura indígena na educação do campo: contribuições de Eliane Potiguara**

A literatura indígena se configura como um meio de preservar e compartilhar as memórias, experiências e saberes dos povos originários, servindo não apenas como uma forma de arte, mas como uma ferramenta de resistência cultural. Como apontam Carvalho e Santos (2023):

A literatura nativa indígena pretende despertar no leitor interessado mais uma visão sobre seu país e também registrar suas memórias orais, suas experiências de vida para as próximas gerações. São escritas de um passado quase apagado da história, capaz de demonstrar comportamentos sociais, culturais, filosóficos, políticos, educacionais e ambientais que ultrapassam o presente, o futuro, ou até o conhecimento formal (Carvalho e Santos, 2023, p. 10).

Estas produções literárias, ao evidenciar memórias e experiências coletivas, transcendem o tempo e o espaço, destacando a relevância das histórias indígenas para o presente. Além de reafirmar a importância dessas narrativas na preservação das tradições, elas promovem um diálogo profundo sobre questões sociais, culturais e políticas que, historicamente, foram silenciadas. Neste sentido, a obra de Eliane Potiguara desempenha um papel crucial ao trazer essas discussões para o centro, reafirmando a literatura indígena como um espaço de resistência e preservação.

Esta relação entre literatura e memória também é fundamental para a construção e manutenção de uma identidade cultural sólida. Como afirma Neves, a memória, ao se constituir como uma fonte para a História, torna-se uma base viva e renovável da identidade, carregando as marcas do passado e as questões do presente (Neves, 2000, p. 113). A literatura indígena, nesse contexto, cumpre um papel dinâmico: não apenas preserva as tradições, mas também atualiza essas memórias, permitindo que as comunidades indígenas mantenham vivas suas histórias, ao mesmo tempo em que refletem sobre as realidades contemporâneas. No caso de Eliane Potiguara, sua obra literária não só ressignifica memórias ancestrais, como também as coloca em diálogo com temas atuais, como a luta pelos direitos territoriais e pela preservação cultural. Assim, ao entrelaçar o passado e o presente, sua literatura se torna uma ferramenta poderosa para a construção de uma identidade coletiva que resiste às adversidades e aponta para um futuro de renovação.

Por isso, a conexão entre passado, presente e território é ainda mais evidente quando consideramos a centralidade da terra para os povos indígenas. Conforme destacado por Litig e Wanderley, "a terra indígena ou Tekoha significa a terra onde se produz a vida, se reproduz a cultura. É onde jazem os elementos essenciais para a autosustentabilidade" (Litig e Wanderley, 2015, p. 382).

Dessa forma, a literatura indígena, ao dar visibilidade à relação íntima entre a terra e a vida cultural dos povos indígenas, reforça a importância desse território como espaço de existência e resistência. Este entendimento, além de ser central para as comunidades indígenas, também oferece uma perspectiva rica para a educação do campo, que compartilha

dessa valorização do território como um espaço de sustento e identidade. Quando essas literaturas são incluídas no currículo escolar, especialmente nas escolas do campo, elas promovem uma educação que reconhece e valoriza a terra como um espaço vital não só para a subsistência, mas também para a manutenção de tradições culturais e modos de vida. Em vista disto, as produções literárias de autoras indígenas como Eliane Potiguara oferecem contribuições valiosas e transformadoras para a educação do campo.

Ao refletirem sobre temas como terra, memória e identidade, essas obras não apenas incentivam os estudantes a adotar uma perspectiva crítica sobre as lutas sociais e culturais que moldam a vida dos povos indígenas e camponeses, mas também promovem uma educação mais inclusiva. Por isso, ao integrar narrativas indígenas no currículo escolar, possibilita-se uma valorização da diversidade cultural e uma ampliação das vozes que historicamente foram silenciadas no contexto educacional. A educação do campo, por meio dessas literaturas, pode proporcionar aos estudantes uma visão mais ampla e inclusiva do mundo, em que a cultura, a terra e a identidade de diferentes povos são reconhecidas e respeitadas.

Conseqüentemente, o uso de obras como os poemas de Eliane Potiguara oferece uma oportunidade única para a construção de uma educação que acolhe múltiplas perspectivas, permitindo que os alunos compreendam as questões indígenas não apenas do ponto de vista histórico, mas também pela sensibilidade artística e literária.

A poesia de Potiguara, por exemplo, não só descreve o sofrimento e a resistência dos povos indígenas em sua luta pela terra e pela preservação cultural, mas também celebra a força e a beleza da vida em harmonia com a natureza. Esses temas podem ajudar os estudantes do campo a refletirem sobre suas próprias realidades, aproximando-os das questões territoriais e culturais de maneira sensível e empática. Assim, a educação do campo, ao incorporar essas produções literárias, vai além de uma simples transmissão de conteúdo, promovendo uma aprendizagem que respeita e celebra a diversidade, enquanto conecta os alunos às realidades sociais e históricas que continuam a moldar o Brasil.

Além disso, essa educação inclusiva e sensível à diversidade contribui para o desenvolvimento de uma cidadania mais crítica e consciente. Ao trabalhar com essas literaturas, as escolas do campo podem se tornar espaços de transformação, onde o respeito pelos direitos dos povos indígenas e pela preservação dos territórios é incentivado, ao mesmo tempo em que se fortalecem os laços entre os estudantes e suas próprias comunidades.

Nesse sentido, a utilização das obras de Eliane Potiguara não só contribui para a valorização da identidade indígena, mas também para a construção de uma educação que reconhece e integra as diferentes realidades que compõem o tecido social brasileiro. Portanto, essas produções literárias atuam como pontes para uma educação do campo que não se limita à transmissão de conhecimento formal, mas que abraça a diversidade e promove um ensino mais justo, inclusivo e relevante para as realidades do país.

## **2.2 Análise e discussão dos poemas de Eliane Potiguara: “Terra Cunhã” e “Desilusão”**

### **2.2.1 Terra Cunhã**

No poema Terra Cunhã (2018, p. 81) a autora enfatiza que: “Mulher indígena! Que muito sabes deste mundo. Que muito sabes deste mundo.” O poema começa exaltando a figura da mulher indígena como detentora de sabedoria, o que remete ao conceito de conhecimento ancestral.

Saber esse, que não é apenas teórico ou abstrato, mas é resultado de experiências vividas, incluindo sofrimento, violência e resistência. Eliane Potiguara, ao introduzir a mulher indígena como sábia, desafia o estereótipo colonial que, historicamente, desconsiderou a profundidade das culturas indígenas. “Com a dor ela aprendeu pelos séculos. A ser sábia, paciente, profunda” (2018, p. 81). Nestes versos ela fala da paciência e profundidade como qualidades adquiridas não por escolha, mas por necessidade. O sofrimento, longe de diminuir a mulher indígena, a fortaleceu, dando-lhe uma sabedoria prática e espiritual que transcende o tempo. A dor é transformada em uma fonte de poder e resistência.

Imóvel, tu escutas  
Os que te fingem aos ouvidos  
Fé guerreira, contestas:  
“Não aguento mais a mentira!”

Essa imagem de imobilidade pode ser interpretada como uma forma de resistência silenciosa. O ato de "escutar" sem reagir imediatamente pode significar uma sabedoria estratégica, uma espera calculada. A falsa promessa ou mentira que é "fingida" aos ouvidos simboliza a política de falsas promessas feitas às comunidades indígenas, desde a colonização até os dias atuais. A reação da mulher indígena —“Não aguento mais a mentira!”— marca o momento de ruptura com essa paciência, o que mostra que a resistência

também inclui a recusa em aceitar passivamente a opressão.”Mas longe deles, choras a estupidez, O MEDO...(sim, longe deles!)”.

O medo aqui é coletivo e íntimo ao mesmo tempo. O uso da palavra "estupidez" é forte, ressaltando a crítica ao sistema que perpetua a ignorância e a violência. A escolha de "longe deles" sugere que a mulher indígena sofre em silêncio, à parte da visão opressora do colonizador, escondendo sua vulnerabilidade enquanto mantém uma postura de força em público. "Sofres incompreensão e maldade. Aos poucos morres à míngua. Desrespeito, roubo, assassinato”.

Por sua vez, essa sequência intensifica o sentido de exaustão e a violência imposta aos povos indígenas, mas é importante observar que o verbo "morrer" é usado aqui como uma metáfora. Eliane Potiguara descreve uma morte lenta, que acontece à medida que o roubo das terras, da dignidade e das vidas continua.

O desrespeito, o roubo e o assassinato não são apenas físicos, mas também culturais e espirituais. Essa passagem conecta diretamente a exploração colonial com as injustiças contemporâneas. "No dia em que rastejasse, imploraste tua terra – e JÁ TINHAS!" Esse verso sublinha a ironia da colonização: os povos indígenas não apenas perderam suas terras, mas foram forçados a implorar por algo que já lhes pertencia. Essa imagem de imploração reforça a desumanização sofrida pelas mulheres indígenas.

Mesmo diante de uma injustiça tão clara, a luta persiste. “A teu lado companheiras: miséria e morte. A violência e a angústia dos trópicos.” A associação de miséria e morte como companheiras destaca a inevitabilidade da violência no contexto histórico e social das mulheres indígenas. A palavra "trópicos" remete ao Brasil e suas paisagens, mas também ao fardo histórico carregado por suas populações originárias.

Nas caras ela viu o abuso

A inveja de ser o que és: cândida,

lúcida, mãe, companheira...

E tu zombastes desses pobres (de) espíritos.

Este trecho destaca a força e o valor intrínseco da mulher indígena, que transcende as adversidades. Ao ser descrita como "cândida, lúcida, mãe, companheira", ela é apresentada como uma figura de integridade e clareza de espírito. A "inveja" mencionada aqui pode ser vista como a incapacidade do colonizador de compreender ou possuir a força interior e a conexão espiritual da mulher indígena com sua terra e cultura.

Sabes do rio de lágrimas

Que te aperta o peito aflito  
Na bolsa d'água o filho esperas  
Futuro, luz, nova era.

Essa parte do poema traz esperança. A imagem da mulher grávida, esperando um filho, representa um renascimento, uma nova geração que carrega a esperança de um futuro melhor. O "futuro, luz, nova era" sugere a possibilidade de transformação e recuperação das terras e direitos indígenas. Ao mesmo tempo, o filho carrega o fardo de continuar a luta, mas também a promessa de renovação.

Mas luta, raiz forte da terra!  
Mesmo que te matem por ora  
Porque estás presa ainda  
Nas garras do PODER e da história.

O final do poema reafirma o chamado à luta e resistência. Mesmo diante da morte física, a mulher indígena é descrita como uma "raiz forte da terra". Essa metáfora sugere que, embora o corpo possa ser destruído, a conexão com a terra e a resistência continuam. A expressão "presa ainda nas garras do PODER e da história" sublinha a força das estruturas de opressão, mas também aponta para a inevitabilidade da luta contínua.

### 2.2.2 Desilusão

A mim me choca muito esse ambiente  
Essa música, essa dança  
Parece que todos dizem sim.

No poema Desilusão (2018, p. 67) a autora começa expressando o sentimento de choque ou desconforto em relação ao ambiente ao seu redor, a música e a dança mencionadas podem ser interpretadas como práticas que a autora considera superficiais, que não é a realidade, como as músicas, que tentam incluir os povos indígenas, mas mesmo assim a situação deles não mudam.

Sim a quê?  
Sim a quem?  
Por que concordar tanto  
se o que tem de dizer agora  
É NÃO!

Aqui ela questiona essa aceitação, eu vou fechar a fazendo uma reflexão sobre o que realmente está sendo aceito, ela questiona quem as pessoas estão dando sua concordância, sugerindo que há um sistema invisível que está sendo aceito sem crítica, ela destaca sua insatisfação com a passividade das pessoas incentivando um pensamento mais crítico, e vai sugerir que há um momento decisivo em que é necessário tomar uma posição. O uso destacado do “NÃO” é um apelo à resistência e a situação dos povos indígenas.

Não à morte da família

Não à perda da Terra

Não ao fim da identidade.

Neste trecho, a autora se posiciona contra a destruição dos laços familiares, a perda de valores tradicionais e a destruição das comunidades indígenas. O poema conclui com uma recusa ao apagamento da identidade cultural. Assim sendo, o poema *Desilusão* de Eliane Potiguara é uma crítica a aceitação passiva das injustiças em relação à maneira que os povos indígenas foram tratados no Brasil

Observamos que a injustiça ainda faz parte da realidade contemporânea, se no passado foram explorados pelo colonizador, no presente seus direitos ainda não são garantidos, ela mostra nesse poema como ela está sendo desiludida da forma como passaram cinco séculos e ainda continuam com famílias indígenas cenas mortas, a identidade indígena sendo desrespeitada, e a Terra indígena sendo perdida. O tom do poema evolui de uma observação chocada para uma chamada resistência, mostrando a importância de dizer “NÃO” às forças que ameaçam os valores e a existência dos povos indígenas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo teve como objetivo analisar as contribuições da literatura indígena, por meio dos poemas “Terra Cunchã” e “Desilusão” de Eliane Potiguara (2018), para a educação do campo. A pesquisa buscou evidenciar como a literatura indígena pode não apenas ampliar o currículo escolar, mas também promover a inclusão e o reconhecimento das culturas indígenas. Através de sua poesia, Eliane Potiguara expressa as lutas, resistências e desafios enfrentados pelos povos indígenas, oferecendo uma visão crítica sobre a realidade histórica e contemporânea dessas comunidades. Em ambos os poemas, emergem as injustiças que marcaram e continuam a marcar suas trajetórias.

Portanto, ao integrar as análises de “Terra Cunhã” e “Desilusão” às práticas pedagógicas, a educação do campo adquire uma perspectiva mais crítica e inclusiva, que não só reconhece a importância dos saberes ancestrais, mas também promove a reflexão sobre a necessidade de resistir às injustiças que ainda persistem. Ambos os poemas servem como manifestos políticos e educativos, ao denunciarem as violências históricas e contemporâneas, e ao mesmo tempo, exaltarem a esperança por um futuro mais justo.

Por fim, o estudo abre portas para futuras pesquisas que possam aprofundar o impacto da literatura indígena no contexto educativo, bem como explorar novas formas de integrar essas vozes ao currículo escolar. Ao reconhecer o valor das obras de Eliane Potiguara, a educação do campo se torna um espaço de resistência e transformação, onde as vozes indígenas podem ser ouvidas e valorizadas nas discussões acadêmicas e sociais.

## **REFERÊNCIAS**

### **Livros**

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. 3. ed. Rio de Janeiro: GRUMIN, 2018.

OLIVEIRA, Natália Sanson de Borba; PACIEVITCH, Caroline. **Eliane Potiguara : como Eliana Potiguara expressa a luta das mulheres indígenas em seus poemas?**. Porto Alegre: UFRGS, 2023.

### **Capítulo de Livro**

NEVES, Lucilia de Almeida. **Memória, história e sujeito**: substratos da identidade. História oral, v. 3, p. 109-116, 2000.

### **Periódico completo**

CARVALHO, Eliana Márcia dos Santos; SANTOS, Renata Lourenço dos. **Literatura Indígena**: entre memórias. Belo Horizonte, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/t89qs8VFNXD66bM5Jg3NM5J/>. Acesso em: 01 out. 2024.

### **Artigo e/ou matéria em periódico eletrônico**

LITIG, Cláudio Ernani; WANDERLEY, Luís Eduardo W. Impacto da modernidade sobre os povos indígenas de Aracruz/ES e os direitos que lhes são conferidos. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental–REGET**, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, v. 19, n. 3, p. 369-386, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reget/article/download/18324/pdf/95619>. Acesso em: 25 set. 2024.

NOGUEIRA, Leticia Pereira Mendes; ANDRADE, Francisca Marli Rodrigues de. POVOS INDÍGENAS NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES DO CAMPO: PRESENCAS E AUSÊNCIAS NOS PROJETOS PEDAGÓGICOS. **Educação em Revista**, v. 40, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/vQHZ6WTYG4M8wSSpMf6GDtm/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 set. 2024.